



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI
Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da palestra com **Victorio Trez, Walter Barbosa da Trindade, Isidoro Zorzi, José Clemente Pozenato, Hilda Gil e José Carlos Monteiro**
BR RS APMCS PM-06-01-16-01-02-1983-01

Palestrantes: Victorio Trez, Walter Barbosa da Trindade, Isidoro Zorzi, José Clemente Pozenato, Hilda Gil e José Carlos Monteiro

Tema: Educação – I Simpósio Municipal de Educação – Painel “Escola e Comunidade”

Data: 15 de agosto de 1983

Local: Colégio São José

Lado A

Protocolo: Este evento desenvolver-se-á até o próximo sábado, contando com a participação de autoridades, de representantes de entidades, de professores, de estudantes, de palestrantes conhecidos em todo estado, de pessoas ligadas de uma forma ou de outra à educação, e da comunidade em geral. Passamos de imediato, senhoras e senhores, à composição da mesa que acompanharão os trabalhos nesta noite. Convidamos, inicialmente, para fazer parte da mesa o excelentíssimo senhor Victório Trez, prefeito municipal de Caxias do Sul. [aplausos] Convidamos também, o ilustríssimo senhor Norberto Garibaldi, diretor do Fórum de Caxias do Sul. [aplausos] Convidamos ainda o ilustríssimo senhor coronel Antônio Carlos Soares Ribeiro, comandante do Terceiro Grupo de Artilharia Antiaérea. [aplausos] Convidamos o ilustríssimo senhor Fernando Prates Menegatti, vice-prefeito municipal de Caxias do Sul. [aplausos] Convidamos o ilustríssimo senhor Aldo Rigon, [02:22] pró-reitor de extensão e relações universitárias, representando a Universidade de Caxias do Sul. [aplausos] Convidamos a ilustríssima senhora Marta Gobbato Trez, secretária municipal de educação e cultura. [aplausos] A partir de agora passamos a convidar também, a fazer parte da mesa os painelistas dessa noite. Convido, inicialmente, para compor a mesa o ilustríssimo senhor Luis Carlos da Silva, representante da União Caxiense de Estudantes Secundaristas. [aplausos] Convidamos o ilustríssimo senhor Walter Barbosa da Trindade, representante dos Círculos de Pais e Mestres de Caxias do Sul. [aplausos] Convidamos o ilustríssimo senhor José Carlos Monteiro, representante da União das Associações de Bairros. [aplausos] Convidamos a ilustríssima senhora Maria Elena Sartori, representante do primeiro núcleo do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul. [aplausos] Convidamos também, para compor a mesa, o ilustríssimo senhor José Clemente Pozenato, representante da Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul. [aplausos] Ainda como painalista desta noite, a presença dos partidos políticos, convidamos, inicialmente, a representante do Partido dos Trabalhadores, Hilda Gil. [aplausos] Convidamos

também, o representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o ilustríssimo senhor Isidoro Zorzi. [aplausos] [03:05] Nós temos também, o convite formulado aos três outros partidos: Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, Partido Democrático Social – PDS e Partido Democrático Trabalhista. Partido Democrático Trabalhista - PDT até o momento ainda não chegou o seu representante. Mas o Partido Trabalhista Brasileiro, o seu presidente Vital Flores, enviou um comunicado hoje à comissão organizadora desse simpósio, de que devido a problemas de saúde não poderia se fazer presente. O mesmo ocorrendo com o Partido Democrático Social – PDS, que não enviou nenhum representante até o momento. Para dar abertura oficial ao Simpósio Municipal de Educação, passamos de imediato a palavra ao excelentíssimo senhor Victório Trez, prefeito municipal de Caxias do Sul.

Victório Trez: Excelentíssimas autoridades presentes, componentes da mesa, excelentíssimas professoras, professores, alunos, representantes da imprensa, meus caros amigos. Pela primeira vez em Caxias do Sul se inicia um simpósio dessa natureza. É o primeiro Simpósio Municipal de Educação, que nos leva a acreditar na sua realização porque contando com a presença tão importante, tão ilustre, dos senhores professores, das senhoras professoras, das senhoritas professoras e dos alunos aqui presentes, essa grande quantidade de pessoas que numa noite chuvosa como esta, comparece pela primeira noite, na abertura, desde per si, por sucesso, que esse simpósio irá realizar. Iniciando-se o dia de hoje, até o dia vinte aqui serão apresentadas sugestões, debates, discussões, diálogos, tudo altamente proveitoso para a educação. Eu tenho a certeza e a convicção, que no desenrolar dos trabalhos, pelas conclusões que foram feitas, pelos debates que foram levantados [03:28] muito haveremos de aproveitar, todos nós, em termos de administração pública municipal, todo o professorado, todos os alunos, todas as autoridades, já que esse simpósio se propõe a discutir, conversar, dialogar, aceitar, debater e rebater críticas e sugestões. Sinto-me feliz por este grande acontecimento, mormente com a presença de todos os senhores, que eu repito porque vale a pena dizer, numa noite fria, numa noite chuvosa contar com a presença tão importante, tão ilustre e tão valiosa de todos vocês. Com esta alegria e com este entusiasmo, eu considero aberto os trabalhos para esse primeiro seminário de educação, que desse momento em diante, ficará entregue a todos vocês. Muito obrigado e a certeza do seu sucesso. [aplausos]

Protocolo: Gostaríamos de destacar ainda a presença das seguintes autoridades, que nos honram com sua presença na abertura desse simpósio. O vereador Milton Comassetto; o vereador Licínio Schemes; o vereador líder da bancada do PMDB na câmara de vereadores, José Carlos Bassanesi; o secretário municipal da agricultura, Adoralvo Schio; o diretor da escola SENAC, senhor Luiz

Gazola, a quem eu solicito uma forte salva de palmas. [aplausos] Depois das palavras do excelentíssimo senhor Victório Trez, prefeito municipal, passamos então aos trabalhos propriamente dito desse Simpósio Municipal de Educação. Antes, porém, eu queria deixar a critério das autoridades presentes, tanto na mesa como no plenário, para que no momento, caso tenham qualquer compromisso, que fique a vontade para se retirar no momento que desejar. A partir deste momento então, passamos aos trabalhos desse simpósio. Antes de passar a palavra aos painelistas que focarão o tema “Escola e Comunidade”, gostaríamos de explicar a forma como serão desenvolvidos os debates desta noite. Cada painalista terá dez minutos para fazer sua exposição, tempo este, que será controlado pela mesa. A partir deste instante teremos quatro pessoas distribuindo, distribuídas no salão, que estão encarregadas de receber as perguntas que serão endereçadas aos painelistas. Eu peço que essas quatro pessoas, para que o público possa localizá-las, levantem a mão. Esses quatro professores estão encarregados então, de recolherem depois as perguntas que devem ser encaminhadas à mesa por escrito. Devem constar ainda o nome do painalista a quem é dirigida a pergunta. Convém salientar, teremos inicialmente a exposição dos painelistas, dez minutos para cada pessoa, neste meio tempo podem ser endereçadas as perguntas à mesa, mas só depois, posterior a exposição de cada painalista, é que nós teremos então as respostas das perguntas. Eu convido então, como primeiro painalista desta noite, para fazer o uso da palavra [04:34] o ilustríssimo senhor Walter Barbosa da Trindade, representante do Círculo de Pais e Mestre de Caxias do Sul. Enfocando o tema desta noite: “Escola e Comunidade”.

Walter Barbosa da Trindade: Boa noite senhor prefeito. Boa noite senhora secretária da educação e [inaudível]. Boa noite representantes da UAB, da UCES, CEPERGS, ADUCS, CPMs que estão presentes, no qual eu represento, e partidos políticos, professores e alunos. Eu, como representante dos CPMs municipais de Caxias do Sul, estou representando neste painel, em nome dos CPMs, um trabalho feito nas escolas, primeiramente nas escolas, depois a núcleos e posteriormente em seis núcleos, a qual me, foi-me incumbida a obra de eu representar. Esses seis núcleos correspondem a nada menos que vinte e quatro escolas municipais de Caxias do Sul. Aqui foi o trabalho de reflexão, conscientização e um compromisso: esse CPM vem apresentar sugestões e formulando propostas para a renovação e crescimento do trabalho educacional caxiense. A primeira pergunta: como você vê a escola? A escola é vista como instituição que transmite o saber e cultura à criança. É vista como segundo lar, onde os pais depositam total confiança, dentro dos limites, atende os alunos. Meio de socializar o aluno. Continuação da família. Representa o futuro e prepara para a sociedade. Oferece base sólida para outros cursos. A escola deveria ser mais dinâmica, ser o centro da comunidade. Falta integração entre a escola e a comunidade, embora algumas escolas já estejam

iniciando o processo de integração. Transmite conhecimento e não prepara para enfrentar a realidade social. Tem precariedade de recursos. Distante da comunidade. Os pais veem a escola como meio de possibilidade de ter formação social. Em resumo: continuidade do lar; transmissora do saber e cultura; objeto de confiança dos pais; atende necessidades dentro dos seus limites; meio de ascensão social e base para a continuidade dos estudos, centro de estudo; meio de socialização, passiva, não integrada com a comunidade, não adequada à realidade social, carente de recursos.

[03:42] A segunda pergunta: como gostaria que fosse a escola? Aqui nós puxamos algumas propostas e algumas sugestões em nome do CPM. Como gostaria que fosse a escola? Que trabalhasse em conjunto com a comunidade, realizando ação comunitária onde mais pessoas pensassem, dialogando, ajudando no sentido de melhorar a escola e a comunidade, para assim conhecer e respeitar a criança, estimulá-la e conduzi-la sem violência, com amor e compreensão. Que houvesse mais interesse em atender as crianças com problema de aprendizagem. Que promovesse atividades que visem sociabilizar. Que fosse mais atrativa, propiciando mais lazer às crianças, inclusive no turno contrário. Que fosse mais aberta, promovendo reuniões como esta ,para mais conhecimento entre pais e professores, para maior solução dos problemas dos alunos sem constrangimento. Que oportunizasse mais atividades esportivas. Que tivesse aulas de boas maneiras e orientação sexual para pais e alunos. Que motivasse mais pesquisa e leitura. Que proporcionasse palestras de assuntos diversos para pais e alunos. Resumo: maior participação dos pais; melhor qualidade de ensino; mais aberta; integrada à comunidade; adequada à realidade social; estímulo à criança; respeito à individualidade da criança; com segurança; mais atrativa, com mais recreação; professora mais educadora, menos policial; orientadora de pais e alunos; promotora de atividades que visem a sociabilizar. Propostas, aqui vêm as propostas. Quero dizer às autoridades que foi o mínimo possível que vem as propostas do CPM. Propostas: taxa escolar, através de carnês livres, para que as crianças aprendam a assumir responsabilidades. Quer dizer...[aplausos] nós sabemos que a prefeitura faz o possível e o impossível para proporcionar aquilo que consegue, mas vamos dar um exemplo: um pai de família com quatro filhos para sustentar, não é possível, é difícil, a situação econômica é difícil, então [03:05] esta criança tendo responsabilidade, nem que venha com o carnê, a sua vontade, cinco cruzeiros por mês, mas contente. Esses cinco cruzeiros vêm...[aplausos] esses cinco cruzeiros vêm proporcionar mais ajuda na escola; complementando merenda, reparos gerais e complementação de material. Criação de um centro de integração de CPMs, a exemplo da UAB de Caxias. Criação de setores especializados, SOE e SOPE para atendimento mais diretos aos alunos e professores. [aplausos] Segurança nas escolas com projeto de lei que regule essa necessidade. Senhores vereadores, aí já está uma sugestão. Telefone. Ampliação das salas de aula e de séries nas escolas, ou seja, o de 1º Grau completo, para evitar a desistência dos alunos, uma vez que os pais

não po...não podem pagar condução para as escolas distantes. Médico, dentista, psicólogo para atender, nem que fosse esporadicamente. Trabalho de assistência social integrando família e escola. Terceira pergunta: como você pode participar da escola? Realizando aos sábados competição com os alunos. Dando aulas de iniciação profissional, aos sábados, sobre mecânica e outras atividades que o pai conhece, exemplo: eletricista, carpinteiro e outros. Sugerindo admissão e demissão de zeladores das escolas. Entrosando-se com os professores para o conhecimento da realidade do aluno. Valorizando o trabalho dos alunos. Ajudando na merenda através de campanhas, dentro dos limites. Participando nas atividades que a escola promova. Conscientizando a população do bairro a conservar a escola. Acompanhando o trabalho do filho em casa e verificando o material escolar. Ensinando a respeitar colegas e professores. Conscientizando que a escola é dos alunos. Em resumo: Promovendo competições para os alunos nos fins de semana. Fazendo reparos. Dando aulas práticas. Entrosando-se com os professores. Valorizando o trabalho das crianças. Apresentando sugestões e críticas. Participando em reuniões e festas. Auxiliando na conservação e manutenção. Acompanhando o trabalho da criança em casa. Controlando a [inaudível] [03:31] das crianças. Verificando o material escolar. Fazendo sempre presente à escola, sempre que chamado. Que nós, pais, escola e comunidade, consigamos juntos orientar realmente a criança para o dia de hoje e de amanhã, criando seres capazes de fazer coisas novas, que enfrentem a realidade, não a máquina que copia, e prepará-las para o mundo, dentro da realidade. Muito obrigado! [aplausos]

Protocolo: Nós agradecemos ao senhor Walter Barbosa da Trindade, que foi representante do Círculo de Pais e Mestres de Caxias do Sul, na abertura desse Simpósio Municipal de Educação. Vamos ouvir agora, a palavra do representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o senhor Isidoro Zorzi.

Isidoro Zorzi: Senhor prefeito, demais autoridades aqui presentes ou representadas, senhores vereadores, distinto público e caros professores. Nesta noite de hoje coube a mim...representar o que o Partido do Movimento Democrático Brasileiro pensa sobre o assunto deste painel, “A Escola e a Comunidade”. Me permitiria nesses dez minutos, que foram destinados a esse partido, fazer rapidamente algumas considerações sobre o tema, algumas considerações de caráter geral, que possam de alguma forma contribuir para que os professores e todos que participaram desta semana ou deste Simpósio Municipal de Educação, possam de alguma forma refletir o seu trabalho e encontrar alternativas que lhes possibilite um trabalho realmente eficaz. E partiria dizendo o seguinte: o título do painel de hoje “Escola e Comunidade”, eu faria uma brevia crítica a isto, não ao título, mas ao conteúdo. Quando nós falamos em comunidade, nós devemos retornar no tempo,

no mínimo [03:04] há mais de cinco mil anos passados. Pelo seguinte, se nós tivéssemos condições de dividir a história do homem, o período em que o homem se encontra neste planeta, a partir dos dados, das conclusões de pesquisas feitas pelos mais renomados cientistas, de todas as ideologias, de todas as religiões, que até hoje conseguiram esboçar alguns resultados, nós poderíamos a partir destes dados, destas informações, dividir a história em duas partes, a história do homem ser dividida em dois períodos, o período que o homem vivia numa situação de uma relativa igualdade, ou seja, houve uma época em que na sociedade não existiam relações de dominação, relações de exploração de um sobre o outro. A este período os cientistas sociais, e os historiadores, os antropólogos, os arqueólogos resolveram chamar de “história da igualdade social”; a este período chama-se então de vida comunitária, ou seja, as comunidades primitivas. O que era então uma comunidade? Uma comunidade era um conjunto de pessoas ou grupos de pessoas, que viviam numa relativa igualdade. No ponto de vista ou tanto no plano econômico, como no plano social, bem como no plano político. Em outras palavras, isto era possível porque sob o ponto de vista econômico não havia quem fosse detentor de meios de produção. Vocês sabem que na história, o homem primitivo vivia da caça, da coleta, da pesca, depois da agricultura, da criação do gado e assim por diante. Então, houve uma época em que estes bens eram produzidos coletivamente e coletivamente distribuídos. Então, no plano econômico nós tínhamos uma certa igualdade. Não vou ser aqui radical e dizer que nós tínhamos uma igualdade absoluta, mas tínhamos uma relativa igualdade. Sob o ponto de vista social, não haviam entre essas pessoas e esses grupos, relações de subordinação ou relações de exploração de um grupo sobre outro. E do ponto de vista político, também nós tínhamos uma participação equitativa de todos os indivíduos no processo decisório, ou seja, as decisões eram tomadas coletivamente e não por meia dúzia de pessoas. Este período foi suplantado, foi superado, pelo chamado período da desigualdade, ou história da desigualdade. Na medida em que o homem conseguiu produzir o excedente ou conseguiu produzir mais do que ele necessitava para sua sobrevivência, alguém se apropriou desse excedente e a apropriação deste produto a mais foi uma apropriação privada. Alguém que detinha maior e melhores condições apropriou-se da produção, ou seja, da sobra daquilo que a sociedade não necessitava. Com essa apropriação de excedente, este indivíduo ou estes grupos passaram a exercer sobre os demais, uma relação, ou um controle de domínio, de subordinação, de exploração. E na medida em que foram acumulando, eles quiseram acumular mais. Este foi o fator que desencadeou a escravidão e depois foi superada pelo regime da servidão, e depois por outros regimes que nós estamos hoje vivendo, a todos eles. Então, do ponto de vista econômico, social e político, foi possível num período em que os homens viviam numa relativa igualdade, e a esse período chamávamos de comunidade. Então nesta época, que remonta há mais de cinco mil anos passados, o homem viveu efetivamente numa vida comunitária. Então,

podia-se, nesse período, falar em comunidade. Hoje, nós falamos em comunidade no sentido figurativo. Essa expressão “comunidade”, o conteúdo que ela encerra, é mais um conteúdo simbólico. [04:34] As suas escolas, no centro da cidade, há necessidades, é o município que recolhe, é o município que estará presente com a sua escola. Então é justamente esta população, que por exemplo, passa o dia trabalhando, passa o dia, por exemplo, construindo prédios e edifícios, mas no final do dia ele retorna para o seu bairro, e vai pousar numa casa onde chove dentro ou numa favela que está em cima de um terreno invadido, e assim por diante porque ele não tem condições, nem de comprar uma casa, nem de pagar um aluguel. Ou porque ele não tem condições nem de entrar no sistema financeiro da Habitação, porque quem tem menos de três salário mínimos, nos programas oficiais da COHAB [Companhia de Habitação Popular] ele não tem acesso. Então, vejam como a sociedade é realmente desigual, e a escola que está lá nos bairros da periferia, os professores que estão dentro dessas salas de aula, às vezes, na sua grande maioria inconscientemente, reproduzem essa desigualdade. Explicando às crianças a partir dos manuais, dos programas de ensino, que a história do homem sempre foi assim. E nós ensinamos as crianças que a nossa história começou com a escravidão, e esquecemos, que antes da escravidão existiram, no mínimo, dez mil anos em que o homem viveu numa relativa igualdade. E nós ensinamos só esse “períodozinho” da história, que são os cinco mil anos passados, e deixamos de lado aqueles outros dez mil anos, que é o dobro em que o homem vive contemporaneamente na Idade Média e na Idade Antiga, tá aí na pré-história, é o dobro do período em que o homem viveu produzindo coletivamente, distribuindo numa relativa igualdade, essa produção. Então, os professores, devem ter consciência disso. Se nós vamos numa sala de aula numa escola lá da periferia e vamos ver que os valores, as expectativas e as necessidades lá da periferia, são de determinada natureza, nós não podemos aplicar os mesmos conceitos e os mesmos manuais e o mesmo conteúdo que nós aplicamos, por exemplo, para uma criança que estuda neste colégio, porque as crianças que estudam neste colégio são crianças que tem uma relativa possibilidade, econômica e financeira. E elas vem na aula aqui, no mínimo com o café da manhã tomado, elas não vem à aula no Colégio São José para tomar a merenda. Agora, se nós vamos nos colégios da periferia, onde se encontram quase a totalidade das escolas do município, nós vamos constatar que a maioria das crianças que vão para estes colégios, elas vão para buscar a merenda, porque elas vão sem tomar café; e as que vão à tarde, vão para fazer a merenda porque elas vão à escola porque não tiveram condições de almoçar. Se nós vamos ver as necessidades lá, são bem diferentes das necessidades daqui. É isto que nós temos que ter consciência, e para nós termos consciência disso, temos que entender um pouquinho da nossa história. A história não foi sempre assim; e se história não foi sempre assim, nós temos obrigação de começar a lutar para que essa história mude. Eu não vou aqui ser saudosista e voltar ao passado, querer destruir a máquina e

querer produzir tudo manualmente, não. Mas isso que a maioria produz, deve ser distribuído em benefício da maioria, este é um valor que todo ser humano, que se diz cristão deve defender. Aquilo que se [03:37] produz na sociedade, é de todos. Então, nós temos que encontrar formas para que isto realmente retorne a quem realmente precisa. De toda a produção, de toda a riqueza, de todos os bens. Dentro desta visão, o PMDB propõe fundamentalmente uma escola que tenha acesso, a qual tenham acesso todas as camadas sociais. O PMDB parte de uma visão que na sociedade brasileira predomina sob o ponto de vista econômico, uma grande distorção, a minoria fica com a maior parte do bolo e a maioria fica com a menor fatia do bolo. Do ponto de vista político, o PMDB vê que predomina, dentro desta sociedade, uma relação de autoritarismo, uma relação de poder autoritário, ou seja, é meia duzia, hoje nem meia duzia, são três pessoas dizem aí os entendidos que decidem os nossos destinos, que decidem os destinos do país. Nós queremos, o PMDB quer, que esta sociedade brasileira seja democratizada. Vamos lutar pela democratização da nossa sociedade, nesta democratização tem papel fundamental a escola. Porque só nós podemos participar na medida em que nós tivermos acesso ao saber, na medida em que nós tivermos acesso ao conhecimento, na medida em que nós tivermos acesso a informação. Então, para nós brasileiros, para nós professores, para nós estudantes, para nós povo brasileiro, termos acesso as decisões deste país, nós temos que ter acesso a informação, nós temos que ter acesso ao conhecimento, temos que ter acesso ao saber, que hoje é privilegio de um por cento da nossa sociedade, um por cento. Esta é a luta do PMDB, vamos abrir a escola, vamos fazer com que a escola seja aquele lugar onde todos os segmentos da sociedade brasileira vão se encontrar; onde a escola seja aquele lugar onde todas as ideologias, todos os partidos, todas as correntes de pensamento possam ser livremente discutidas, amplamente debatidas, para juntos, todos juntos, encontrarmos a melhor saída, a melhor solução para nossa sociedade, para o Brasil em outras palavras. [aplausos]

Observação: O conteúdo da apresentação foi publicado integralmente no caderno “Educação e Realidade Social – Simpósio Municipal de Educação” (p. 3).

Protocolo: Muito obrigado ao senhor Isidoro Zorzi, representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Como são diversos painelistas e o tempo é bastante curto, quando faltar um minuto, para completarmos dez estabelecidos, nós tomamos a liberdade de avisar a pessoa para que conclua, a partir de agora. Passamos, então, de imediato [03:10] a palavra ao senhor José Clemente Pozenato, representante da Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul, neste Simpósio Municipal de Educação.

Observação: O conteúdo da apresentação foi publicado integralmente no caderno “Educação e realidade social – Simpósio Municipal de Educação” (p. 8).

José Clemente Pozenato: Senhor prefeito municipal, senhoras autoridades presentes representadas, companheiros de painel na mesa, senhores e senhoras professores e estudantes. A Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul, é um movimento que tenta criar dentro da própria universidade um espaço para que o professor tenha condições de pensar e decidir sobre a universidade. E nós consideramos muito importante o papel da universidade, um pouco porque ela está, por razões que todos conhecem, mais a vista entre todas as instituições de ensino de educação. Em segundo lugar porque, é dentro da universidade que, de um modo geral, se formam, se produzem ou se reproduzem os profissionais, não apenas da sociedade em geral, mas da própria escola. Então, a importância de a universidade realmente estar voltada para uma educação, aí vai acabar se refletindo sobre toda sociedade. Concretamente, os docentes da Universidade de Caxias do Sul [UCS], em primeiro lugar, se colocam dentro de uma linha de unidade com todo movimento de docentes de universidades brasileiras. E essa luta dos docentes, dos professores de todas universidades brasileiras reunidos na ANDES - Associação Nacional de Docentes de Escolas Superiores, têm alguns pontos fundamentais. Primeiro lugar, a defesa de um ensino público gratuito para todos os brasileiros. Não apenas no primeiro grau, que é obrigação constitucional que não está sendo cumprida, mas em todos os graus de ensino. Em segundo lugar, que os docentes reivindicam a nível nacional, é uma democratização interna da universidade, não apenas da nossa universidade, mas de toda universidade brasileira. Essa democratização interna significa basicamente o acesso da comunidade universitária às fontes de decisão, dentro da universidade, isto é, que os estudantes, que os professores, que os funcionários das universidades das Escolas Superiores [03:27] tenham condições de participar das decisões da universidade brasileira. Este processo de democratização deve passar por diversos caminhos, desde a democratização institucional, até a democratização de atitudes e comportamento, muitas vezes viciadas, e a universidade não pode se eximir da culpa de ter também se viciado durante esses anos de exceção, por um excesso de atitude autoritária. E essa democratização interna é também reivindicada nas relações entre estudante e aluno. Porque entendem os docentes, que se não houver por parte do docente um esforço do exercício, da prática democrática dentro da sala de aula, qualquer reivindicação que ele faça no sentido de democratizar a sociedade, soará falso, porque ele não estará cumprindo, dentro do seu campo de trabalho, aquilo que ele está reivindicando para a sociedade. Em linhas gerais, essa é a luta dos docentes universitários e acreditamos que elas convergem para aquilo que é a luta de todos os professores do Brasil, no atual momento: um esforço para que haja, uma participação na possibilidade de

participação maior do professor que está na sala de aula, na tomada de decisões dentro processo educativo, está na democratização institucional da Escola, e que haja um esforço do professor, de ele também se reeducar para um trato democrático dentro da sala de aula, para poder assim educar a criança para a multiplicidade e para variedade que é necessário em uma sociedade democrática. Muito obrigado! [aplausos]

Observação: O conteúdo da apresentação foi publicado integralmente no caderno “Educação e Realidade Social – Simpósio Municipal de Educação” (p. 8).

Protocolo: Muito obrigado ao professor José Clemente Pozenato, representante da Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul. Passamos em seguida a palavra à representante do Partido dos Trabalhadores – PT, a professora Hilda Gil. [02:39] [aplausos]

Hilda Gil: Senhor prefeito municipal, autoridades aqui presentes, companheiros de trabalho. Me coube, hoje, a responsabilidade, neste primeiro Simpósio Municipal de Educação, de falar em nome do Partido dos Trabalhadores, dentro do tema proposto “Comunidade - Escola”. Dentro deste assunto, nós gostaríamos, em primeiro lugar, de tentar caracterizar “escola”. O que seria escola? Seria uma instituição da comunidade, assim como o clube, assim como a capela, assim como tantas outras instituições. Note-se que estamos aqui falando em comunidade dentro do sentido como nós o entendemos e como nós o vivenciamos na nossa prática diária. Então, dentro desse sentido a escola seria um setor da comunidade, com características específicas. Esta característica específica seria a educação, baseada fundamentalmente no ensino científico. Agora vamos ver o que acontece de fato na escola. O que nós vemos na realidade é que, essa educação fundamentada no ensino científico não é dada ao aluno, não é levada ao aluno e disciplinas como OSPB, como Moral e Cívica, como História, são belas mentiras que não têm nenhum embasamento científico naquilo que... [aplausos] não têm nenhum embasamento científico de ciência – história, ou de ciência – moral e cívica, ou de ciência – organização social e política, e é dado empiricamente ao aluno através, repassando ideias de um sistema de dominação que aí está. Vamos tentar agora, caracterizar comunidade... [aplausos]...Comunidade, como nós entendemos, é alguém que vive com alguma coisa, e que tem alguma coisa em comum. Vamos nos situar na comunidade Caxias do Sul. O que é que nós, comunidade Caxias do Sul, temos em comum? Será que só o fato de termos o adjetivo “caxiense” é suficiente para nos caracterizarmos como comunidade? O que há, então, de diferente entre as pessoas que constituem esta dita comunidade Caxias do Sul? Não é preciso pensar muito. Os aspectos são palpáveis, visíveis e estão aos nossos olhos. [03:45] O que há de diferente? Há de

diferente a casa, há de diferente a roupa, há de diferente a comida, há de diferente a escola, naturalmente. Não é ao acaso que alguém escolhe morar, por exemplo, no bairro Cinquentenário ou no bairro dos Bragas. Existe algum fator determinante por trás disso que impulsiona essa pessoa a formar comunidade específica do bairro Cinquentenário ou comunidade específica do bairro dos Bragas. E nós, nós professores, nós mostramos essa realidade ou nós tentamos esconder ou dourar essa pirula? O nosso livro didático e o material escolar que nós usamos dentro de sala de aula, mostram ao nosso aluno essa realidade? Essa realidade de diferença? Ou nós tentamos dizer, como dizia o professor Isidoro, que todo mundo é igual e que as, que as diferenças são diferenças assim, naturais. Se existe essa diferença concreta que está em casa, comida, é porque existe uma diferença na origem, que é a pessoa. Pessoas vivem em situações diferentes, porque têm condições diferentes. São de classes sociais diferentes. Essas pessoas, de classes sociais diferentes e, especificamente, a pessoa da classe social dominada, vende a única coisa que ela possui, que é a sua força de trabalho. E como essa mercadoria hoje, é uma mercadoria que vale pouco e que tem muita oferta, ela vende a sua força de trabalho por um preço muito barato. Então, essa diferença que se reflete em vários aspectos concretos, como casa, escola, comida, está na raiz da nossa sociedade, que é uma sociedade de classes. Nós só vamos conseguir uma escola sem classes, uma escola que não reproduza essa diferença, quando nós tivermos essa sociedade sem classes. Vamos chegar mais perto agora, vamos ver onde está a escola em Caxias do Sul. Onde é que a escola municipal está presente? A quem ela atinge? Aos bairros e à zona rural, [02:47] e mais especificamente, aos bairros mais pobres. Justamente atendendo a essa classe social, que só tem como seu, como sua posse a sua força de trabalho, e essa classe social é a classe trabalhadora. A escola está atendendo as necessidades e as expectativas dessa classe trabalhadora? Diante dessa pergunta, que nós não temos muito tempo para ficar refletindo sobre ela, vem a resposta óbvia de que urge uma mudança. Já está existindo alguma coisa? Já. E a presença de todos esses professores aqui hoje, com as autoridades municipais, é um exemplo concreto de que a preocupação existe e que mudanças estão sendo, pelo menos, embasadas para que ocorram. Nós, como Partido dos Trabalhadores, que é aquele partido que procura estar junto com a classe trabalhadora, quer também, nessa abertura de simpósio, apresentar perspectivas. Não nos é suficiente vir aqui e apontar as falhas e o que a escola não faz, então nós gostaríamos de apresentar perspectivas. Uma delas: [aplausos] mudança no currículo escolar, e que não se entenda por mudança no currículo escolar, apenas a mudança do título do componente curricular; que mudança no currículo escolar seja ao atendimento pela escola das reais necessidades que família e alunos, pais e alunos, esperam daquela escola. Segunda perspectiva: uma mudança de estrutura, e como situação concreta de mudança de estrutura, nós situamos a eleição dos diretores das escolas, pela comunidade onde a escola está inserida. [aplausos] Nós sabemos

também, que já existe, a nível municipal, um projeto nesse sentido e nós do Partido dos Trabalhadores, da toda classe trabalhadora, somos quem aguarda com a maior expectativa o andamento deste projeto, para que esse ato concreto de democratização da escola se possa efetuar, a nível de Caxias do Sul, e se possa depois exemplificar a nível de estado que é uma bandeira de luta de todos os professores estaduais também. Uma terceira perspectiva, e que esta é mais séria porque nos toca de perto, é uma mudança na mentalidade do professor. O professor é titulado, ele recebe o seu título para ensinar uma determinada ciência: a ciência da linguagem, a ciência da matemática, a ciência da história, a ciência social; e ele, diante de uma realidade social, e se esta realidade é explicada por alguma ciência, principalmente por todas as ciências sociais, como é que ele pode querer ser o professor e ficar indiferente a toda essa realidade social que está aí? Exige-se do professor [03:42] um posicionamento claro, se ele quer ser o professor, ele não pode fechar os olhos ao que está aí, e ao que se apresenta. Ele não pode ficar preso a conteúdos que lhe foram transmitidos ou que estão em livros didáticos, ele não pode ser um mero retransmissor. Nós, como classe trabalhadora, como essa classe dominada, acreditamos numa mudança, essa mudança, nós também não somos tão ingênuos de pensar que ela vai vir tão somente dos legisladores, essa mudança será obviamente, automaticamente, pressionada pela necessidade do povo, pela exigência das classes populares; e nessa mudança o professor tem que se dizer presente, nessa mudança é que nós acreditamos, porque nós acreditamos muito no professor, nós acreditamos muito na mudança de sua mentalidade, nós acreditamos muito na força e na organização da classe dos trabalhadores. E nessa mudança o Partido dos Trabalhadores quer se fazer presente e quer acompanhar, porque nós esperamos que isso aconteça. Boa noite! [aplausos]

Protocolo: Muito obrigado professora Hilda Gil, representante do Partido dos Trabalhadores – PT, nesse Simpósio Municipal de Educação. Passamos em seguida para usar da palavra, durante dez minutos, o senhor José Carlos Monteiro, representante da União das Associações de Bairros de Caxias do Sul [UAB].

José Carlos Monteiro: Boa noite ao senhor prefeito, as autoridades aqui presentes, aos professores, ex-colegas, que dá pra conhecer ainda, aqui presentes também, e os parabéns [02:18] à secretária da educação pelo trabalho que vem desenvolvendo. Diria, um desejo, parabenizar com mais força, se um dia, como público, teremos também pais, alunos, aqui para o debate e poderem também usar esse microfone. Temos três questões, as quais, devido o pouco tempo para o debate nos bairros, não foi possível ter uma tônica, ou afirmações, ou conclusões que representassem a maioria das nossas oitenta e sete associações de bairros. Faria aqui algumas colocações gerais e um pouco o que

entendemos por educação. Como o bairro vê a escola? Como uma possibilidade de educar o filho, dar uma continuidade na formação, pois a mesma é difícil e quase impossível diante de todas as dificuldades que enfrenta a família. Mas nem sempre a escola satisfaz o desejo dos pais. A escola, normalmente, reproduz o que a sociedade impõe. Conteúdos fora da realidade da comunidade, do problema que vive-se em casa. Baixo nível de ensino. Nem sempre tem condições de guiar seus filhos a escola, devido as exigências que a estrutura educacional impõe. Mesmo que, na teoria, a Constituição é clara: ensino obrigatório e gratuito no 1º Grau. Não tem escola no bairro e existe dificuldades financeiras para se locomover de um bairro a outro. Como gostaria que fosse a escola? Em primeiro lugar, que todos pudessem ir a escola. Que tivesse escola em todos os bairros. E que fosse dado na escola uma educação dentro da realidade, isto é, que possibilite a criança ver as contradições de nossa sociedade, onde o pai e a mãe, saindo o dia todo para o trabalho e quase nunca consegue obter o mínimo para a tranquilidade e o bem-estar da família, [02:41] faltando o alimento, a roupa, a casa, o lazer. É dentro disso que entendemos que a educação deve ser feita, é esta a realidade, e que deve ser conhecida. A escola deve ser um lugar de formação que possibilite a criança ver, analisar essas contradições da sociedade, levando a mesma a ter participação na construção de uma sociedade igualitária, onde todos têm os mesmos direitos. Como poderia o bairro participar da escola? Que além do local, que deve ser de formação, a escola deve ser um lugar de cultura e lazer. Nos fins de semana possa estar a disposição da comunidade, para os grupos de jovens, equipes de futebol, creches, clubes de mães, associações de bairros, etc. Damos como um pequeno exemplo, de uma que existe uma pequena integração, que é, ao menos, do meu conhecimento para haver outras, é a escola do bairro Garbin. Lá nós temos o CPM, associação de bairros, temos o clube de mães e a creche, que praticamente trabalham membros de uma diretoria, às vezes fazem parte da outra, não que isso signifique, necessariamente, a integração, mas que a escola está aberta para todas essas entidades fazerem o seu trabalho junto à comunidade. É necessária essa abertura da escola, ou do colégio, porque normalmente os bairros não possuem um local para encontrar-se, um campo de esporte, um lugar mais amplo. Esse seria um primeiro passo para a mesma escola integrar-se na realidade do bairro e poder levar um trabalho conjunto com toda a comunidade. E pra nós educação é conscientização; e conscientizar não significa somente levantar os problemas junto a comunidade, mas questioná-los para que juntos se possa levar propostas concretas na formação das crianças e também dos pais. Faria aqui um exemplo, tentando caracterizar um pouco do que entendemos, uma escola dentro da realidade do próprio bairro, dos alunos participando dessa escola. Facilmente se escuta uma professora dizendo: “Moleque de tal é impossível, não se dá mais. Ele suja o banheiro, ele joga papel no vaso, ele suja a parede, ele bate

nos colegas. Vou chamar o pai dele aqui pra ver se resolvemos essa questão”. Agora, será que a gente pergunta da onde vem essa criança, qual é a condição da sua família, ... [03:12]

Transcrição em: 04 e 05 de fevereiro de 2003.

Por: Verônica Feldkircher.

Revisão em: 06 de fevereiro de 2003; 29 e 30 de abril de 2025.

Por: Verônica Feldkircher e Crhistian Pilatti de Almeida.

Duração: 60 minutos.

Observações: A continuação da apresentação não foi gravada. Resumos das apresentações de Walter Barbosa da Trindade, Hilda Gil e José Carlos Monteiro foram publicados no caderno “Educação e Realidade Social – Simpósio Municipal de Educação”. Áudios separados em dezenove partes - Parte integrante do I Simpósio Municipal de Educação.